

Possíveis paralelos na música como sociabilidade na tribo indígena pataxó e nas tribos urbanas *headbangers*

Flávio Lages Rodrigues*

Resumo

A presente comunicação, “possíveis paralelos na música como sociabilidade na tribo indígena Pataxó e nas tribos urbanas *headbangers*”, busca apresentar propostas que promovam a socialização através da música. Embora, ao tratar aqui de tribos distintas, a indígena de um contexto rural e a urbana de um contexto citadino, ao nosso ver, elas talvez tenham alguns paralelos, a começar pela forma de resistência e existência, que elas mantêm nos limites, no qual estão inseridas, como também pela sua própria construção cultural, diante da cultura de massas. Nesse percurso, procuramos entender como ocorre a socialização através da música na tribo indígena Pataxó e nas tribos urbanas *headbangers* com o *rock*. O que nos ajudou a compreender, os significados sociais que são gerados, com o sentimento de pertencimento, solidariedade e partilha nos rituais, proporcionados a princípio pela música e que propagam para outras manifestações culturais em ambas as tribos, com as danças, instrumentos musicais, demarcações e marcas territoriais e dos corpos. Para isso, mostraremos paralelos entre a tribo indígena Pataxó da cidade de Carmésia-MG e as tribos urbanas *headbangers* da cidade de Belo Horizonte-MG. Diante disso, perguntamos: Será que a música realmente é um elemento socializador nas tribos indígenas e também nas tribos urbanas *headbangers*, ou ainda, ela realmente tem algum paralelo entre as duas tribos? Suspeitamos que a música possa gerar algum tipo de sociabilidade entre os membros das tribos indígenas e das tribos urbanas *headbangers*, e que essa socialização possa ter alguns paralelos entre essas duas tribos. Para uma melhor compreensão da sociabilidade, faremos análise da referência bibliográfica com a obra “O Tempo das Tribos” do sociólogo Michel Maffesoli com principal referencial teórico em diálogo com outros autores. Também analisaremos o relato de um membro da tribo indígena Pataxó sobre o significado que a música tem no cotidiano da tribo, nas festas, celebrações, rituais e em todas as socializações que são geradas a partir da construção e constituição musical. A partir desse relato, observaremos possíveis paralelos entre as tribos indígenas e tribos urbanas, no qual a música pode estabelecer laços sociais que produzam compartilhamento, solidariedade e rituais entre seus membros e possam ainda fomentar outras sociabilidades entre seus membros.

Palavras-chave: Socialização, Música, Tribos Indígenas Pataxós, Tribos Urbanas *Headbangers*, Michel Maffesoli.

Introdução

* Doutorando e Mestre em Ciências da Religião pela PUC Minas PPGCR, bolsista pela Capes e membro do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura/CNPq desde 2015. Graduado em Bacharel em Teologia (2005) e especialista em Teologia Sistemática (2007) pela Faculdade Teológica de Belo Horizonte - FATE-BH, atua também entre os jovens e adolescentes como palestrante em escolas, igrejas, nos clubes de futebol Atlético Mineiro e Cruzeiro em Belo Horizonte, faculdades, universidades, Ministério do Trabalho e no sistema sócio educativo.

Percebemos que a religião faz parte da construção cultural do ser humano, tanto de sociedades modernas e de tecnologia, quanto de povos distantes tidos como primitivos, formados por tribos, clãs e etnias. Ao nosso ver, assim como a religião, a música também possibilita essa abertura para a construção e manifestação cultural, tanto de povos distantes, quanto de sociedades modernas.

Analisamos a música como elemento de sociabilidade entre os índios da tribo Pataxó da cidade de Carmésia-MG e também os roqueiros das tribos urbanas da cidade de Belo Horizonte-MG, que talvez ela nos aponte para um elo ou elemento comum à tribo Pataxó e a tribo urbana *headbanger*¹. Nesse percurso, analisaremos a referência bibliográfica do sociólogo Michel Maffesoli em diálogo com outros autores, como também o relato de um membro da tribo indígena Pataxó sobre o significado que a música tem no cotidiano da tribo e nas socializações que são geradas a partir dela.

Portanto, a partir da análise bibliográfica e dos relatos desse membro da tribo Pataxó é que observaremos possíveis paralelos entre a tribo indígena Pataxó e as tribos urbanas *headbangers*, no qual, suspeitamos que a música possa estabelecer laços sociais, que produzam compartilhamento, solidariedade e rituais entre os membros de ambas as tribos, e ainda possa fomentar outras sociabilidades entre seus membros.

1 Perspectiva de sociabilidade e pertencimentos através da música na atualidade

Percebemos que o processo de industrialização, trouxe uma nova configuração no processo de urbanização das grandes cidades do Brasil e do mundo nas últimas décadas, o que impactou a vida dos cidadãos de muitas cidades. O modo de socialização e de pertencer no contexto citadino, se tornou diferente do modo de vida anterior, que era realizado primariamente com o trabalho agrário e pecuário no contexto rural.

¹ O termo *headbanger* é utilizado pelos fãs da cultura *heavy metal*, bem como de suas posteriores variações e subgêneros musicais. Ele surgiu por volta de 1970, na Inglaterra, e imigrou para os Estados Unidos. A banda inglesa *Black Sabbath* foi a precursora do estilo *heavy metal* e da incorporação nos *shows* da agressividade estética *headbanger*. A expressão tribo urbana *headbanger* é dada aos jovens que interagem em pequenos grupos ou tribos nos centros urbanos. Para esta tribo, a socialização gira em torno da sonorização com o *rock* pesado, na produção e no consumo dessa música entre os jovens. Estes também consomem uma variedade de roupas, calçados e acessórios, que em muitas vezes são definidos pelos membros da própria tribo. Durante os *shows*, estes jovens, dançam em círculo com o *mosh*, o que lembra as tribos indígenas em suas danças. No *mosh*, os jovens fazem a roda para dançar e dão socos e ponta pés ao ar. Também batem a cabeça, que é o significado literal para *headbanger*, com o movimento para cima e para baixo, jogando os cabelos ao ar, como o movimento violento da cabeça no ritmo da música.

Esse contexto urbano proporcionou uma maior diversidade, no pensamento e nos modos de vida. Essa riqueza da diversidade para Maffesoli tem solo fértil com o tribalismo pós-moderno. “O cotidiano e seus rituais, as emoções e paixões coletivas, simbolizadas pelo hedonismo de Dionísio, a importância do corpo em espetáculo e do gozo contemplativo, a revivescência do nomadismo contemporâneo, eis tudo que acompanha o tribalismo pós-moderno.” (MAFFESOLI, 2010, p. 03).

O tribalismo pós-moderno, fomenta o mergulho no arcaísmo, com a volta à fonte, às bases e ao primitivo, ao mesmo tempo passa pela vitalidade da vida. As mudanças no vínculo social pós-moderno, de acordo com Maffesoli, ocorrem com duas raízes essenciais. “De um lado, o que salienta os aspectos ao mesmo tempo ‘arcaicos’ e juvenis do tribalismo. De outro, o que salienta sua dimensão comunitária e a saturação do conceito de indivíduo. Eis, parece-me, as duas raízes do tribalismo pós-moderno.” (MAFFESOLI, 2010, p. 05).

Nesse aspecto observamos que nesse retorno às bases e na interação comunitária, grupos mais diversos da sociedade atual, talvez estejam sinalizando, para um desgaste ou uma cisão com o modo de vida da sociedade atual. Esse retorno das tribos urbanas *headbangers* com o *rock* ao fundamento da vida e assim, a uma vivência mais solidária, encontra de certa forma um paralelo nos princípios do modo de vida dos índios, com o compartilhamento, sentimento de pertencimento e uma vida em harmonia como todos da tribo e também com a natureza ou criação.

Notamos também no retorno desses adeptos das tribos urbanas ao arcaico, a busca por uma dimensão comunitária e a saturação do conceito de indivíduo, que talvez sinalizem para a descrença e insatisfação desses grupos com as instituições vigentes contemporâneas. O que possibilita a leitura e releitura de fases anteriores da cultura à procura de estabilidade ou maturidade da organização social em suas mais diversas áreas. O que também não deixa de acontecer entre os membros da tribo Pataxó, no qual buscam em suas práticas sociais e rituais um retorno aos costumes e as tradições herdadas pelos seus ancestrais.

As duas raízes do tribalismo pós-moderno apontam para construções que são orgânicas e vivas. As leituras, releituras, novas significações e o retorno ao arcaísmo, realizado pelos jovens e pessoas das mais variadas idades, que estão inseridos nas tribos urbanas *headbangers*, além de mostrar uma ruptura e o inconformismo com os padrões estabelecidos, aponta para a riqueza da dimensão

comunitária, que ocorre no encontro com o outro, com o diferente, e quebra o domínio do individual e do privado.

Esta é a lição do “arcaísmo” pós-moderno: torna-se a representar, em todos os domínios, a *paixão comunitária*. Podemos nos defender dela, ofender-nos com ela, negá-la, proteger-nos dela, pouco importa; a tendência que nos empurra em direção ao outro, que nos incita a imitá-lo, está presente. (MAFFESOLI, 2010, p. 15).

O arcaísmo pós-moderno com seu retorno às fontes, aos fundamentos, à gênese que estrutura e forma o pensamento, cimenta-se com a “paixão comunitária”. Os grupos que se amalgamam com os mesmos ideais formam as tribos urbanas, que criam e recriam suas práticas culturais na socialidade e na alteridade.

Dessa forma, a força das tribos urbanas ocorre pela sociabilidade e pelo sentimento de estar juntos. O que Maffesoli chamou de “arcaico”, podemos ver entre as tribos juvenis na atualidade com os movimentos que se estabelecem como contraculturais, com a cena alternativa e *underground*. Ambas, também sinalizam para a fertilidade da vida comunitária e queda do individualismo. “Nesse sentido, antes de ser político, econômico ou social, *o tribalismo é um fenômeno cultural*.” (MAFFESOLI, 2010, p. 06).

Para que o tribalismo se estabeleça como manifestação social ele necessita da repetição como parte ritual para fundamentar-se na cultura. Neste aspecto é bom lembrar que Maffesoli utiliza o termo tribo de forma pioneira. “Em uma época em que isso não era moda, propus a metáfora da ‘tribo’ para observar a metamorfose do vínculo social.” (MAFFESOLI, 2010, p. 04).

Entretanto, para Magnani (2005, p. 175) há limitações para a utilização do termo “tribos”, pois ele é usado nos estudos tradicionais de etnologia para laços mais profundos e duradouros, como clãs, tribos, segmentos e grupos locais. Porém, para os jovens o termo significa justamente o contrário, ou seja, uma fragmentação e uma postura contra a cultura de massas.

De acordo com Pais, o próprio termo “tribo” já carrega em si a ideia de atrito, resistência e oposição.

Com efeito, tribo é um elemento de composição de palavras que exprime a ideia de atrito (do grego *tribé*), isto é, a resistência de corpos que se opõem quando se confrontam. Esta dimensão de resistência grupal, substantivamente ligada à ideia de atrito, encontra-se presente no fenômeno das tribos urbanas. (PAIS, 2004, p. 12).

Portanto, o que percebemos é que ao utilizar o termo “tribo” como metáfora, Maffesoli sinaliza para as inúmeras possibilidades na pós-modernidade de

socializações e pertencimentos dentro das mais variadas tribos urbanas, entre os adeptos da música *rock* em Belo Horizonte. Embora, a princípio Magnani sinalize para o uso do termo “tribo” para designar laços duradouros, ele também entende que os jovens e pessoas de várias idades querem ao entrar para uma tribo urbana é um “cisma” com a cultura de massas. Do mesmo modo, Pais entende que o termo “tribo” em sua raiz já designa atrito, oposição e resistência grupal.

2 A música como fator de socialização na tribo Pataxó

O interesse para essa comunicação com “Possíveis paralelos na música como sociabilidade na tribo indígena Pataxó e nas tribos urbanas *headbangers*”, começou com a pesquisa² de Mestrado em Ciências da Religião pela PUC Minas com a música *rock*, como elemento principal na socialização dos jovens que estavam nas tribos urbanas e que se estabeleceram na Comunidade Caverna de Adulão³. Posteriormente, pensamos se essas práticas sociais desses jovens das tribos urbanas teriam algum tipo de paralelo com as tribos indígenas e aqui mais especificamente entre os índios da tribo Pataxó.

A socialização através da música em ambas as tribos talvez seja o que possa gerar outras práticas sociais com o sentimento de pertencimento, solidariedade e de partilha. No entanto, a partir desse momento buscaremos o significado que a música tem para os indígenas na socialização e solidariedade da aldeia.

Observando o contexto histórico e geográfico onde a tribo Pataxó está localizada atualmente, há outros fatos que mostram uma luta pela terra que marcam esses povos em sua resistência e existência. Visto que na colonização da cidade de Conceição do Mato Dentro-MG, a tribo dos índios Maxakalis que residiam ali, foram dizimadas e poucos conseguiram fugir dos bandeirantes que invadiram a cidade.

Outro fato que merece destaque é que a cidade de Carmésia foi distrito de Conceição do Mato Dentro e se tornou município somente em 1963. Uma outra

² A dissertação de mestrado com o tema: “O FENÔMENO RELIGIOSO ENTRE OS JOVENS NAS TRIBOS URBANAS: uma análise da relação cultura e religião na Comunidade Caverna de Adulão - Belo Horizonte/MG”, mostrou que este fenômeno pode se apresentar como uma faceta do senso religioso na linha de pesquisa Religião e Contemporaneidade, particularmente vinculada ao projeto de pesquisa “Senso Religioso Contemporâneo”, desenvolvido pelo Prof. Dr. Flávio Augusto Senra Ribeiro.

³ A Comunidade Caverna de Adulão iniciou suas atividades em 1992, quando alguns jovens e os pastores Fábio de Carvalho e Eduardo Lucas iniciaram trabalhos evangelísticos junto aos jovens que pertenciam as tribos urbanas *headbangers* pelas ruas e praças de Belo Horizonte. Nessa época Belo Horizonte foi considerada a *capital do rock*, devido à grande quantidade de bandas de *rock* pesado de vários estilos que existiam pela cidade. A criação da Comunidade Caverna de Adulão ocorre em meio às grandes transformações na cidade com o *rock* como elemento socializador. A comunidade passou por várias partes da região centro-sul da capital e desde 2004 está estabelecida à rua Aimorés 482 no bairro Funcionários.

situação ainda mais assustadora para os índios dessa região, foi que em 1972, o governo do Estado de Minas Gerais, doou a FUNAI⁴ parte das terras de Carmésia cerca de 3279 hectares, para abrigar índios que foram expulsos de suas terras em Porto Seguro no Estado da Bahia.

Posteriormente, essa Terra Indígena Guarani, teve outra destinação com o Golpe Militar de 1964. Com a repressão da ditadura militar, os índios que tivessem qualquer posicionamento contrário ao governo naquela época, ou mesmo pela simples tentativa de assegurar os seus direitos com a demarcação de suas terras, essas lideranças indígenas de várias partes do Brasil eram levadas para o campo de concentração para índios do recente município de Carmésia.

Com a formação da cidade de Carmésia em 1963 e do território indígena pela FUNAI em 1972 na cidade. Percebemos várias destinações a essa terra, primeiro como território dos índios Maxakalis, segundo como terra destinada aos índios expulsos de suas terras na Bahia, terceiro como campo de concentração do governo militar que recebiam índios de várias etnias do território brasileiro e por último como terra pertencente aos índios Pataxós. Atualmente essa reserva abriga 400 indígenas divididos em 3 tribos Pataxós, sendo que a aldeia do entrevistado, composta por 120 índios é uma dessas tribos.

Nesse percurso de resistências e lutas mais variadas sofridas pelo povo indígena no Brasil e especialmente na cidade de Carmésia em Minas Gerais, investigamos o significado da música na socialização dos índios da tribo indígena Pataxó. Para entender o percurso de resistências e o significado da música nas práticas sociais desses índios Pataxós, entrevistamos um nativo⁵ da tribo.

O entrevistado também apresentou a gravação de uma música da tribo Pataxó, cantada na língua Pataxó por ele na introdução, com uma melodia suave de guitarra, sons de pássaros e da natureza, posteriormente entram outros instrumentos musicais no estilo *rock* com bateria, contrabaixo, guitarra e os vocais em português. O que acaba dando uma dinâmica para a canção e mostrando a beleza da fusão de culturas, com línguas diferentes, costumes, culturas e também instrumentos musicais diferentes. Segue a letra da música: Pãtxó Niamisu nioké

⁴ A Fundação Nacional do Índio (FUNAI) é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Foi criado pela Lei 5.371, de 5 de dezembro de 1967.

⁵ Entrevistamos Izaías Pataxó, ele é teólogo indígena, pastor evangélico e presidente da Associação Comunitária de sua aldeia. Além de trabalhar como professor de Educação Básica na cultura Pataxó e professor de História na rede de ensino público do Estado de Minas Gerais.

Pãtxó⁶. “Pãtxó Niamisu nioké Pãtxó Kehé ahankaô Hêa hê Hea hê Hêa hê háô Hêa hê haô.” (Letra da música indígena Pataxó).

Fiz a seguinte pergunta: Qual é o significado da música para a tribo Pataxó?

Essa música (Pãtxó Niamisu nioké Pãtxó) é de agradecimento pela chuva que na terra chegou. Isso é bem específico do povo indígena em geral e aqui é reflexo da tribo Pataxó. As músicas ou canções buscam manter uma relação de cumplicidade com a terra, com a natureza em geral, com a sua própria visão de mundo, de entender e compreender a realidade. E também busca agradecer a Deus (Niamisu) pelos benefícios. As músicas Pataxó estarão direcionadas ao agradecimento, petição, também traduzirão o pensamento, emoções, sentimentos do coração e eventos que aconteceram com o povo. Músicas que trataram muitas vezes momentos de lutas, cruéis, sangrentas, difícil e de massacre pelo qual o povo Pataxó enfrentou no passado. Teremos outras canções para que buscarão conscientizar, ou convocar a comunidade ao cultivo, a manutenção dos valores, dos saberes tradicionais, culturais, então são canções que convocam também o conjunto, a comunidade, a valorizar, a reconhecer, a viver esse fato. O povo Pataxó, tem como um dos principais elementos da cultura o que a gente chama de Awê que diz respeito a danças e a música do povo Pataxó que ocorre uma vez ao ano, no período de um mês, entre a metade dos meses de março e abril. A comunidade se reúne, canta as canções e músicas, dançam sempre durante os dias, as noites, ali realizam várias cerimônias, vários ritos do povo, reúnem-se para o almoço, a janta, um tempo memorável e de grande valor para a comunidade, elementos que identifica ainda hoje a cultura do povo Pataxó, então para mim a música é de fundamental importância na cultura do nosso povo trazendo aí a memória ao que nossos antepassados, os conhecimentos e saberes que vivenciaram, tanto também apresentando as dificuldades enfrentadas ao longo da história e esse sentimento também de agradecimento a (Niamisu) Deus, isso pra mim é de fundamental importância às vezes dá expressão é a música aquilo que as palavras não conseguem, então na música é possível se traduzir essa experiência fazendo o uso da dança que é um conjunto, isso utilizando seus instrumentos musicais, o maracá, o pau de chuva, os adereços também como o cocá, o tupaçais, que são as roupas, os adereços em geral como brincos e colares que são feitos de sementes, ossos e bambu, e pintados também, utilizando as pinturas elas também apresentam também os ciclos, os contornos, sejam dos animais ou da natureza, os ciclos também buscam traduzir o passado vivido ou a história específica de uma aldeia, então as pinturas também fazem parte desse momento e utilizam o que você falou piercing, aqui tem os brincos de osso e de bambu, colocam no queixo, pintam o rosto o corpo. Por falar em tribos, urbanas ou indígenas, a gente percebe o nome em comum, tribos. Um grupo, um movimento que em todo um traço específico e que na realidade é parecido sim, os povos que ao longo dos anos na história da humanidade é assim, então surge um povo esse povo cresce ele vai se multiplicando com o tempo vai dando origem ao novo clã, uma nova tribo, de acordo com o lugar com essa geografia com a nova maneira de falar e dos que vão surgindo, tudo isso você percebe que tem algo que diz respeito lá trás, eu sempre digo que na sua gênese, todos os seres humanos são irmãos. Então o povo indígena é parecido em vários aspectos com as tribos urbanas com essa constituição cultural já se vivem a comunidade em grupo isso é algo peculiar deles, eu não conheço o grupo de rock, a gente percebe pelas vestimentas, tatuagens, piercing, que eles se identificam muito entre eles é algo bem específico também no meio indígena, onde estão eles, eles também percebem, reconhecem, tem uma melhor afinidade as práticas culturais também os aproximam, a tradição, a história, então é importante isso pra gente para história e para a cultura brasileira em geral saber que há uma relação nas tribos, seja urbanas ou indígenas, Brasil afora. (Dados da pesquisa. Entrevista realizada com Izaías Pataxó em 09 ago. 2019).

⁶ Tradução da música “Pãtxó Niamisu. nioké Pãtxó”: Obrigado, Deus pela chuva que na terra chegou.

Analisando a entrevista sobre o significado da música para a tribo Pataxó, identificamos que a música para a tribo é utilizada no “agradecimento” pela chuva, na “relação de cumplicidade” com a terra e a natureza, com a sua própria “visão de mundo”, de “entender” e “compreender” a realidade. A música é maneira de “agradecer a Deus” (Niamisu), pelos seus benefícios. De acordo com Izaías, as músicas da tribo Pataxó, estão direcionadas ao “agradecimento”, “petição” que traduzem o “pensamento”, “emoções”, “sentimento do coração” e “eventos que aconteceram como o povo”. As músicas também “tratam” dos momentos de “lutas cruéis, sangrentas e massacres” que o povo Pataxó enfrentou. As músicas também têm caráter didático/pedagógico para “conscientizar” a comunidade no “cultivo”, “manutenção dos valores”, dos “saberes tradicionais e culturais”, as canções também “convocam” os membros da tribo a socialização com o “conjunto”, a “comunidade”, bem como a “valorizar, a reconhecer e a viver esse fato”.

Para Izaías um dos “principais elementos do povo Pataxó e de sua cultura” é o que ele chama de “Awê” (dança e a música), essa celebração ocorre uma vez ao ano, com duração de um mês, de meados de março a meados de abril. A música gera outras formas de socialidade dentro da tribo na “comunidade”, “reunião”, nas canções, “músicas e danças” que elas “geram” durante os dias e noites nas cerimônias e ritos do povo na “comunhão” para as refeições. Isto gera um “momento memorável e de valor para a comunidade” que identifica a cultura Pataxó.

Na visão de Izaías “a música é de fundamental importância na cultura do nosso povo” para a memória aos “antepassados”, aos “conhecimentos e saberes” que eles “vivenciaram”, “apresentando as dificuldades enfrentadas” na história e também a gratidão a (Niamisu) Deus. Para ele a “música é aquilo que as palavras não conseguem expressar”, na música é possível “traduzir essa experiência” com a “dança”, com os “instrumentos musicais como o maracá, o pau de chuva”, os adereços como o “cocá, os tuplicais”, e acessórios como os “brincos feitos de ossos e bambu”. Finalizando, para Izaías as “pinturas” também incorporam juntamente com a música e a dança um “elemento de movimento”, que mostram os “ciclos animais, e da natureza”, bem como o “ciclo vivido” pela “tribo” ou a história específica de uma aldeia.

Portanto, o que podemos verificar é que a vida da tribo Pataxó é permeada pela música como algo vivo e pulsante para os seus membros. E não somente a música, mas também a dança (Awê) com parte integrante dos movimentos e ciclos

da tribo. A música acompanha os momentos de agradecimento dos membros da tribo, tais como a chuva, a terra e a colheita que Niamisu (Deus), proporciona através delas. A música está também nos ritos e cerimônias que envolvem os saberes e conhecimentos tradicionais, que são transmitidos e preservados dos antepassados, bem como realça a força diante das dificuldades enfrentadas em sua história, suas lutas e guerras como povo que resistente.

3 Paralelos entre a tribo Pataxó e as tribos urbanas *headbangers*

Percebemos em nossas pesquisas anteriores, com os jovens e adeptos das tribos urbanas *headbangers*, que vários elementos são criados pelo próprio grupo ou tribo. O que verificamos na tribo indígena Pataxó, através da entrevista, foi também que as construções culturais e os significados sociais, são construídos pela própria tribo. Essa força ou potência de criação cultural em ambas as tribos, proporciona a sociabilidade, pois, com o fato de produzirem as suas próprias significações, acabam criando uma identidade própria. Na visão de Maffesoli, a comunidade exaure todas as suas forças na criação e recreação dos limites do grupo, com a união da ética comunitária e da solidariedade. Estas acabam desenvolvendo o ritual, que pela sua repetição dão segurança à comunidade.

A comunidade, por sua vez, esgota sua energia na própria criação (ou, eventualmente, recreação). Isto é o que permite estabelecer um laço entre a ética comunitária e a solidariedade. Um dos aspectos particularmente marcantes dessa ligação é o desenvolvimento do ritual. Como sabemos, este não é, propriamente, teleológico, isto é, orientado para um fim, pelo contrário, ele é repetitivo e, por isso mesmo, dá segurança. Sua única função é reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo. (MAFFESOLI, 2010a, p. 47).

Conforme demonstrado por Maffesoli, a criação de uma comunidade, se estabelece também na criação e recreação, ou seja, ela se estrutura pelo simples prazer em fazer algo junto, que gera o convívio social amalgamado do grupo. Como podemos notar, tanto na tribo indígena Pataxó, quanto nas tribos urbanas *headbangers*, a música está presente nas construções culturais que homens e mulheres estabelecem no mundo, e mais especificamente em seu contexto de vida.

Ao nosso ver as tribos urbanas *headbangers* com o *rock*, tem alguns paralelos com a tribo indígena Pataxó. O som gutural na forma de cantar das bandas de *rock* pesado, com o vocal gutural, que somente quem pertence a essa tribo entende o que está sendo cantado. O mesmo ocorre com as músicas das tribos indígenas, no qual somente os membros da tribo entendem o que está sendo cantado no dialeto ou língua da tribo indígena.

As danças também têm paralelos interessantes, nas tribos urbanas *headbangers*, os adeptos dessas tribos nas apresentações das bandas, fazem o mosh, enquanto as bandas estão tocando suas músicas. A mesma manifestação ocorre com os índios que fazem suas rodas e danças ao som de suas músicas e execução de seus instrumentos.

Para Izaías Pataxó, membro da tribo esses paralelos entre as tribos urbanas *headbangers* e a tribo Pataxó, realmente acontece. Ele vê os paralelos entre os acessórios como *piercing* utilizados tanto pelos adeptos das tribos urbanas, quanto pelas tribos indígenas com brincos feitos de ossos e bambu. Outro paralelo que Izaías vê entre ambas as tribos é o que remete as marcas no corpo com as tatuagens e pinturas no corpo.

Considerações finais

Percebemos que há não apenas paralelos na música como sociabilidade na tribo indígena Pataxó e nas tribos urbanas *headbangers*, mas também uma estreita ligação entre essas tribos. Embora esteja em mundos distantes geograficamente e territorialmente, as tribos urbanas e a indígena têm sua cosmovisão que a princípio se estabelecem como oposição, resistência e atrito ao grupo vigente ou a cultura de massas.

Nas pesquisas realizadas anteriormente com as tribos urbanas *headbangers* e na entrevista do membro da tribo indígena Pataxó, percebemos que a música está presente na socialização dessas tribos. Isso pode ser analisado nas celebrações, rituais, danças, festividades, vestuários para as danças, que são utilizados nos rituais e celebrações da tribo. Como podem ser observados nos instrumentos musicais que são criados pelos índios, nas tatuagens e pinturas corporais, nas festas de agradecimento pela chuva e colheita, e também nas músicas que remetem às guerras, batalhas, memória aos antepassados, aos conhecimentos e saberes que vivenciaram, e também na apresentação das dificuldades enfrentadas ao longo da história.

Portanto, o que percebemos é que a música possibilita sociabilidade nas tribos urbanas *headbangers* e na tribo Pataxó, além de fomentar outras práticas sociais, que ajudam a contar suas trajetórias, resistências, lutas e toda história dessas tribos. A música também possibilita a construção cultural, literária, histórica, ecológica, didática, pedagógica e também geográfica. Isso mostra o poder da música com a sociabilidade, no sentimento de pertencimento e solidariedade, na

tribo indígena Pataxó e nas tribos urbanas, de lugares isolados e distantes às cidades e grandes centros urbanos.

Referências Bibliográficas

CARMÉSIA, Câmara Municipal. História do Município de Carmésia. Disponível em: <<http://www.carmesia.cam.mg.gov.br/novo/carmesia/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

ENTREVISTA com indígena Izaías Pataxó: a quarta onda missionária entre índios. Radar Missionário, Rio de Janeiro, jan. 2019. Disponível em: <<http://www.radarmissionario.org/entrevista-com-indigena-izaias-pataxo-a-quarta-onda-missionaria-entre-indios/>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. Tempo Social, São Paulo, v. 17, n. 2, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12475/14252>>. Acesso em: 08 abr. 2016.

PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. (Org.). Tribos urbanas: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

RODRIGUES, Flávio Lages. A Liberdade do Espírito na vida e no *rock*. Rio de Janeiro: MK, 2007.

RODRIGUES, Flávio Lages. DEUS NA MÚSICA *ROCK*: uma visão ecológica dos grupos *headbanger's* e outros grupos juvenis na Comunidade Caverna de Adulão. In: PENNA, Heloísa Maria Moraes Moreira; AVELLAR, Júlia Batista Castilho de; CARVALHO, Rodrigo Ladeira. (Orgs.). Deus(es) na literatura. Belo Horizonte: Relicário, 2018a.

RODRIGUES, Flávio Lages. IGREJAS E COMUNIDADES *UNDERGROUND'S*: novos modelos eclesiais? Plura, v. 8, n. 2, 2017. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/viewFile/1468/pdf_221>. Acesso em: 07 abr. 2019.

RODRIGUES, Flávio Lages. O *rock* como possibilidade para uma espiritualidade não-religiosa. Caminhos, v. 17, n. 1, 2019. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/issue/view/315>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

RODRIGUES, Flávio Lages. O *rock* na evangelização. Rio de Janeiro: MK, 2006.

RODRIGUES, Flávio Lages. Os desafios para a igreja pregar o Evangelho na pós-modernidade. Rio de Janeiro: MK, 2018c.

RODRIGUES, Flávio Lages. PERCURSO HISTÓRICO DA COMUNIDADE CAVERNA DE ADULÃO EM BELO HORIZONTE: novos modelos eclesiais? Expedições, v. 9, n. 3, 2018d. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/7660>. Acesso em: 22 jul. 2019.

SOUZA, Izaías Silva. O AWÊ NA RELIOSIDADE INDÍGENA: relato em cultura e religiosidade indígena. São Paulo: Editora Biblos, 2019. Disponível em:

<<http://plataforma.bibliotecabiblos.com.br/ebooks/o-aw-na-religiosidade-indgena-73/1>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

SOUZA, Izaías Silva. TRAÇOS CULTURAIS DA TRIBO PATAXÓ E SEUS APORTES PARA UMA ESPIRITUALIDADE EVANGÉLICA PATAXÓ: ponto de vista de um pastor Pataxó. Azusa, Joinville, v. 04, n. 01, 2013. Disponível em: <<http://azusa.faculdaderefidim.edu.br/index.php/azusa/article/view/32>>. Acesso em: 15 ago. 2019.